



A Importância dos Rituais de Despedida para Elaboração do Luto

The Importance of Farewell Rituals in the Grief Process

La importancia de los rituales de despedida en el proceso de duelo

Nayra da Rocha Silva¹; Alice Helena Marques de Almeida Mendes Silva²; Amanda Karina Silva de Sousa³; Laura Maria de Paula Cardoso Sampaio⁴; Maria Eduarda Moreira Rocha⁵; Marina de Fátima Araujo Reis⁶

¹ Centro Universitário Maurício de Nassau - Teresina/Piauí

² Centro Universitário Maurício de Nassau - Teresina/Piauí

³ Centro Universitário Maurício de Nassau - Teresina/Piauí

⁴ Centro Universitário Maurício de Nassau - Teresina/Piauí

⁵ Centro Universitário Maurício de Nassau - Mossoró/Rio Grande do Norte

⁶ Centro Universitário Maurício de Nassau - Teresina/Piauí

Correspondência

nayrar059@gmail.com

Direitos autorais:

Copyright © 2026 Nayra da Rocha Silva; Alice Helena Marques de Almeida Mendes Silva; Amanda Karina Silva de Sousa; Laura Maria de Paula Cardoso Sampaio; Maria Eduarda Moreira Rocha; Marina de Fátima Araujo Reis

Licença:

Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY-SA

Submetido:

028/03/2026

Aprovado:

30/03/2026

ISSN:

2966-1218

RESUMO

Esse artigo buscou investigar a importância dos rituais de despedida para a elaboração do luto, analisando tanto sua função no processo de reconhecimento e simbolização da perda quanto suas implicações para a saúde mental dos enlutados. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, realizada nas bases SciELO, PePSIC, BVS e LILACS, foram selecionados estudos que abordam os rituais fúnebres, as vivências simbólicas e os diferentes modos de enfrentamento da morte. Os resultados evidenciaram que os rituais de despedida atuam como mediadores simbólicos fundamentais, auxiliando o indivíduo a integrar emocionalmente a realidade da ausência e a reorganizar sua vida diante da perda. Também foi possível identificar que a interrupção dos ritos, como ocorreu durante a pandemia de COVID-19, está associada ao aumento do sofrimento psíquico, do luto complicado e da sensação de descontinuidade simbólica. Conclui-se que os rituais, sejam tradicionais, adaptados ou personalizados, são dispositivos essenciais de cuidado, expressão emocional e reconstrução subjetiva, constituindo práticas fundamentais para o enfrentamento saudável da perda e para a promoção do bem-estar dos enlutados.

Palavras-chave: Luto; Rituais de despedida; Saúde mental; Morte; Simbólico.

ABSTRACT

This article sought to investigate the importance of farewell rituals in the grieving process, analyzing both their function in the recognition and symbolization of loss and their implications for the mental health of the bereaved. Through a bibliographic search conducted in the SciELO, PePSIC, BVS, and LILACS databases, studies addressing funeral rituals, symbolic experiences, and different ways of coping with death were selected. The results showed that farewell rituals act as fundamental symbolic mediators, helping the individual to emotionally integrate the reality of absence and reorganize their life in the face of loss. It was also possible to identify that the interruption of rites, as occurred during the COVID-19 pandemic, is associated with increased psychological suffering, complicated grief, and a sense of symbolic discontinuity. It is concluded that rituals, whether traditional, adapted, or personalized, are essential devices for care, emotional expression, and subjective reconstruction, constituting fundamental practices for the healthy coping with loss and for promoting the well-being of the bereaved.

Keywords: Grief; Farewell rituals; Mental health; Death; Symbolic.

RESUMEN

Este artículo buscó investigar la importancia de los rituales de despedida en el proceso de duelo, analizando tanto su función en el reconocimiento y la simbolización de la pérdida como sus implicaciones para la salud mental de los deudos. Mediante una búsqueda bibliográfica realizada en las bases de datos SciELO, PePSIC, BVS y LILACS, se seleccionaron estudios que abordaban rituales funerarios, experiencias simbólicas y diferentes formas de afrontar la muerte. Los resultados mostraron que los rituales de despedida actúan como mediadores simbólicos fundamentales, ayudando al individuo a integrar emocionalmente la realidad de la ausencia y a reorganizar su vida ante la pérdida. También fue posible identificar que la interrupción de los ritos, como ocurrió durante la pandemia de COVID-19, se asocia con un mayor sufrimiento psicológico, un duelo complicado y una sensación de descontinuidad simbólica. Se concluye que los rituales, ya sean tradicionales, adaptados o personalizados, son herramientas esenciales para el cuidado, la expresión emocional y la reconstrucción subjetiva, constituyendo prácticas fundamentales para afrontar la pérdida de forma saludable y para promover el bienestar de los deudos.

Palabras clave: Duelo; Rituales de despedida; Salud mental; Muerte; Simbólico.

Introdução

A perda de um ente querido é uma experiência universal e inevitável, que pode desencadear um processo de luto complexo e multifacetado, onde os atos de despedida desempenham um papel de suma importância na elaboração da dor e na reconstrução da identidade. Nesse contexto, os rituais de despedida desempenham um papel fundamental no momento da perda de um familiar, de um amigo, de um cônjuge ou de uma pessoa especial para o indivíduo, a dor da perda pode ser intensa e debilitante, afetando não apenas a esfera emocional, mas também a física e psicológica.

Dentro da diversidade de materiais e maneiras de entender um mesmo aspecto, é evidente a quantidade de estudos a respeito do luto. Foi possível observar a pluralidade de teorias acerca do processo de passagem. Seguindo essa linha de raciocínio, há muitos autores que dissertam sob o viés de uma perspectiva holística, que visa compreender o ser humano como um todo integrado, composto por características físicas, mentais, emocionais, ambientais, espirituais e sociais, os quais expõem que o luto não é visto apenas como uma resposta emocional à perda, mas sim como uma experiência que afeta todas as dimensões de um indivíduo.

O luto é entendido como um processo que acontece após a perda de alguém ou de algo importante e simbólico. Elisabeth Kubler-Ross, argumentava que o luto era composto por um conjunto de reações e sentimento que o indivíduo enfrenta perante a morte de um ente, de um animal,

ou até mesmo de um objeto. Ademais, ela entendia a morte como uma etapa da vida humana que é irreversível e que chega para todos, mas que para a sociedade, falar sobre a morte ainda era considerado um tabu, pois para o inconsciente dos seres humanos era difícil aceitar a ideia de que um dia a vida na terra acabava e não se sabia para onde cada um iria (FRANCO, 2021).

O “luto não reconhecido” se configura como toda e qualquer vivência de perda que não é legitimada, sendo um conceito criado na tentativa de ampliar a compreensão sobre o fenômeno do luto. Esse tipo de experiência ocorre quando a sociedade ou o próprio indivíduo não valida, ignora ou até oprime os sentimentos de alguém, por não considerar tais emoções dignas de atenção e cuidado. Pereira Franco, em seu livro “O luto no século 21”, destacava a relevância desse termo ao evidenciar a necessidade de maior sensibilidade e reconhecimento diante das múltiplas formas de vivenciar a perda (FRANCO, 2021).

Diante do exposto, destacaram-se: o luto pela perda de um animal, o luto pela autonomia, por uma perda gestacional, por um término de relacionamento, entre outros. Um aspecto importante sobre esse conceito é destacar que uma das consequências da não legitimação dos lutos não reconhecidos é a implicação de um luto complicado, que se caracteriza pela sua intensidade e duração, além da angústia profunda e singular do luto, emoções intensas e desestabilizadoras, lembranças persistentes do falecido, sensação de desamparo e perda de propósito, além de resistência em aceitar a realidade da perda (FRANCO, 2021).

O processo de elaboração do luto é uma experiência complexa e multifacetada que envolve a integração da perda na vida emocional e cognitiva. Esse processo é caracterizado por uma turbulência de sentimentos, que podem variar de pessoa para pessoa. Durante essa jornada, o indivíduo enfrenta desafios emocionais, cognitivos e comportamentais, enquanto tenta lidar com a ausência do ente querido e reconstruir sua identidade e sentido de propósito. Assim, ao enfrentar e processar a dor, é possível encontrar um novo equilíbrio e sentido, mesmo na presença da ausência.

Diante do exposto, este trabalho teve como propósito central investigar a importância dos rituais de despedida para a elaboração do luto, considerando sua relevância tanto no âmbito individual quanto coletivo. Para tanto, buscou-se analisar de que maneira esses rituais se articulam no processo de elaboração do luto e, por fim, discutir as implicações práticas dessas vivências simbólicas para a saúde mental e o bem-estar dos enlutados.

Metodologia

O presente estudo caracterizou-se como uma pesquisa do tipo bibliográfica, de natureza qualitativa, com abordagem descritiva e de caráter transversal. Seu objetivo foi reunir, analisar e interpretar contribuições teóricas e empíricas sobre os rituais de despedida e sua importância no processo de elaboração do luto. A análise foi realizada com base em materiais publicados nos

últimos cinco anos, a fim de garantir a atualidade e a relevância dos dados.

A coleta de dados ocorreu entre fevereiro e novembro de 2025, por meio da busca de artigos científicos, dissertações, teses e livros especializados. A pesquisa foi conduzida em bases de dados reconhecidas, como a Scientific Electronic Library Online (SciELO), PePSIC, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), LILACS, além de livros de autores referência na área do luto, psicologia do luto e rituais de despedida. Os descritores utilizados na busca foram: luto, rituais de despedida e elaboração do luto, combinados por meio do operador booleano AND.

Inicialmente, estabeleceu-se como critério de inclusão a seleção de artigos publicados nos últimos cinco anos, visando garantir a atualidade e relevância das informações. No entanto, durante a busca nas bases de dados SciELO e LILACS, constatou-se que o tema em questão — a importância dos rituais de despedida para elaboração do luto — ainda possuía produções limitadas, especialmente com abordagens mais específicas. Dessa forma, optou-se por flexibilizar o critério temporal, incluindo materiais anteriores ao período estipulado, desde que apresentassem contribuições relevantes para o tema. O artigo mais antigo selecionado datava de 2008 e foi incluído por sua pertinência e fundamentação teórica significativa, complementando a análise e enriquecendo a discussão dos achados.

Foram incluídas publicações no idioma português que abordavam o tema de forma pertinente. Foram excluídos materiais que não se relacionavam diretamente ao tema proposto, bem

como textos repetidos ou que não apresentavam fundamentação teórica consistente. A análise dos dados foi realizada a partir da leitura crítica e interpretativa do conteúdo das fontes selecionadas, com ênfase em identificar os principais aspectos teóricos e práticos sobre os rituais de despedida e sua função psicológica no enfrentamento da perda.

Resultados

A partir do levantamento bibliográfico realizado nas bases de dados SciELO, PePSIC, BVS e LILACS, seguindo os critérios de inclusão e exclusão definidos nos procedimentos metodológicos deste estudo, tais como: recorte temporal, idioma, disponibilidade do texto completo e pertinência temática. Foram selecionados 9 artigos para compor a análise. Esses trabalhos constituíram o corpus final da pesquisa e possibilitaram a construção de uma discussão articulada acerca da maneira como os rituais de despedida se relacionam com o processo de elaboração do luto. A seleção desse material permitiu identificar contribuições teóricas e empíricas que aprofundam a compreensão dos aspectos simbólicos envolvidos nos ritos de passagem e suas repercussões no percurso subjetivo do enlutado.

A partir da análise dos materiais selecionados, observou-se que os rituais de despedida exercem um papel fundamental na elaboração saudável do luto, atuando como mediadores simbólicos entre a realidade da perda e a reconstrução psíquica do enlutado. As produções analisadas reforçam que a realização de rituais,

sejam eles religiosos, culturais ou pessoais, auxilia o indivíduo a reconhecer a finitude, a expressar emoções reprimidas e a ressignificar a ausência por meio de vínculos simbólicos.

Tabela 1- Descrição dos estudos selecionados

Autor	Título	Ano
Sousa e Sousa	Rituais Fúnebres no Processo do Luto: Significados e Funções	2019
Giamatthey <i>et al.</i>	Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto: possíveis reverberações	2022
Scaramucci	Monumentos precários: luto (im)possível e lápides de papel em K.: relato de uma busca	2020
Zacarias, <i>et al.</i>	Da despedida para o viver na ausência: considerações sobre o luto e rituais de despedida a partir de vivências na pandemia	2023

Fonte: (ROCHA *et al.*, 2026)

Os resultados obtidos a partir da revisão dos estudos de Souza e Souza (2019) e Giamatthey *et al.* (2022) demonstram que os rituais de despedida exercem papel fundamental na estruturação e na simbolização do processo de luto, funcionando como mediadores entre a perda concreta e a reorganização subjetiva e social do enlutado. Ambas as pesquisas evidenciam que os rituais, mais do que simples formalidades culturais, cumprem uma função psicológica essencial de elaboração emocional, permitindo que a perda seja reconhecida, compartilhada e simbolicamente integrada à continuidade da vida.

De acordo com Souza e Souza (2019), os rituais fúnebres configuram-se como dispositivos simbólicos que possibilitam à pessoa expressar o indizível, dando forma e sentido à dor da perda. Os autores enfatizam que o caráter expressivo e coletivo dessas cerimônias ajuda o indivíduo a

transitar entre estados emocionais e sociais, marcando a passagem entre a presença e a ausência do ente querido. Essa ritualização, portanto, atua como um facilitador da maturação psíquica e social, pois fornece ao enlutado um espaço de reconhecimento público da perda, promovendo o acolhimento e o suporte da comunidade, elementos indispensáveis para a elaboração saudável do luto.

Já Giamatthey *et al.* (2022), ao analisarem a ausência ou transformação dos rituais durante a pandemia de COVID-19, reforçam a interdependência entre ritual e luto, mostrando que a interrupção dos ritos tradicionais provocou dificuldades na elaboração emocional das perdas. Conseqüentemente, o distanciamento social, a impossibilidade de velórios presenciais e a limitação dos encontros comunitários geraram lutos solitários e, muitas vezes, traumáticos, revelando que a experiência simbólica da despedida é uma etapa necessária para a elaboração psíquica. Nessa perspectiva, a ausência dos rituais fúnebres não apenas inviabilizou a expressão do sofrimento, mas fragilizou a integração da perda ao ciclo da vida, resultando em quadros de luto prolongado e complicações emocionais.

Ao colocarmos os dois estudos em diálogo, observa-se que, enquanto Souza e Souza (2019) apontam a função estruturante e simbólica dos rituais, Giamatthey *et al.* (2022) revelam as conseqüências de sua ausência no contexto contemporâneo. A articulação entre ambos permite compreender que os rituais de despedida constituem um eixo de continuidade entre o vivido e o perdido, oferecendo ao sujeito uma forma de se

reorganizar diante da ausência. O rito, nesse sentido, atua como um mediador entre a dor e a reconstrução do sentido, funcionando como um marco que legitima socialmente o sofrimento e possibilita ao enlutado iniciar um novo modo de estar no mundo sem o outro.

Além disso, os achados indicam que a ritualização não depende apenas da tradição religiosa, mas também da dimensão simbólica e afetiva atribuída pelo grupo social. Mesmo em contextos de restrição, como demonstrado por Giamatthey *et al.* (2022), novas formas de ritualizar emergiram, como os velórios virtuais e as celebrações online, reafirmando a necessidade humana de simbolizar a despedida. Assim, o rito se mostra um fenômeno dinâmico e adaptável, cuja função essencial é promover a integração emocional da perda e a reconstrução de vínculos, ainda que em formatos distintos.

A leitura de Scaramucci (2020) amplia esse entendimento ao propor uma reflexão sobre o caráter simbólico e substitutivo dos rituais em situações de ausência, como ocorre nos casos de desaparecimento forçado. A autora, ao analisar a obra K.: relato de uma busca, de Bernardo Kucinski, demonstra que a impossibilidade de realizar ritos fúnebres concretos gera um luto suspenso ou impossível, uma vez que a ausência do corpo e da cerimônia inviabiliza a concretização da perda. Nesse contexto, emergem rituais simbólicos alternativos, como monumentos, antimonumentos e lápides de papel, práticas que substituem o ritual tradicional e restituem parcialmente o espaço simbólico da despedida. Esses gestos representam uma forma de resistência e de elaboração possível,

pois permitem a fixação da memória e a legitimação da dor, mesmo quando o corpo está ausente ou a morte é negada socialmente.

O estudo de Zacarias, Amaral e Arrais (2023) evidência de forma contundente a centralidade dos rituais de despedida no processo de elaboração do luto. Por meio da análise de casos clínicos vivenciados durante a pandemia de COVID-19, as autoras mostram que rituais, sejam eles tradicionais, como velórios e cerimônias religiosas, ou criados pelo próprio enlutado, funcionam como dispositivos simbólicos que auxiliam na integração da realidade da perda. A impossibilidade de realizar ritos presenciais, imposta pela pandemia, revelou o quanto tais práticas contribuem para a constatação da morte, para a expressão emocional e para a reorganização interna do enlutado. Nesse sentido, o artigo demonstra que os rituais operam como marcadores de transição psíquica, permitindo que o indivíduo atravesse o caos inicial da morte e inicie movimentos de reconstrução identitária, cumprindo papel fundamental na elaboração do luto.

Dessa maneira, os resultados da pesquisa evidenciam que os rituais de despedida não apenas auxiliam o enlutado a compreender e significar a morte, mas também reafirmam a dimensão coletiva e cultural do luto, oferecendo um espaço de memória, acolhimento e reconstrução subjetiva. A ausência desses rituais, por outro lado, rompe o ciclo simbólico da elaboração, gerando experiências de luto inacabado e sofrimento prolongado. Portanto, os achados indicam que os rituais, sejam eles religiosos, comunitários ou

simbólicos, constituem uma ponte essencial entre a dor e o sentido, sendo elementos fundamentais para a saúde emocional e social diante da morte.

Tabela 2 - Descrição dos estudos selecionados

Autor	Título	Ano
Sousa e Sousa	Rituais Fúnebres no Processo do Luto: Significados e Funções	2019
Giamatney et al.	Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto: possíveis reverberações	2022
Lopes et al.	A dor que não pode calar: reflexões sobre o luto em tempos de Covid-19	2021
Reis et al.	O Luto de Pais: Considerações Sobre a Perda de um Filho Criança	2021
Reis et al.	Redes sociais significativas de familiares no processo de luto antecipatório no contexto dos cuidados paliativos	2024
Battistello	Como ser psicólogo hospitalar na pandemia de covid-19 no Brasil? Uma pesquisa documental	2023
Zacarias et al.	Da despedida para o viver na ausência: considerações sobre o luto e rituais de despedida a partir de vivências na pandemia	2023
Camara e Bassani	Estudos em psicologia sobre morte, luto, religião e espiritualidade: uma revisão da literatura brasileira.	2019

Fonte: (ROCHA, et al., 2026)

Em ambos os trabalhos, o rito é compreendido como um espaço de expressão emocional, reconhecimento social e reorganização psíquica diante da perda. Sua presença ou ausência, portanto, atua como um fator determinante no modo como o indivíduo vivencia e elabora o luto.

De acordo com Souza e Souza (2019), os rituais fúnebres cumprem funções que ultrapassam o campo religioso, assumindo papel psicossocial e terapêutico no enfrentamento da morte. Ao propiciarem a despedida simbólica e coletiva, tais ritos oferecem um contorno à dor e uma via de

expressão emocional, possibilitando que o enlutado manifeste sentimentos de tristeza, saudade e amor de forma socialmente legitimada. Essa externalização do sofrimento constitui um mecanismo de regulação emocional que favorece o equilíbrio psíquico e reduz o risco de luto complicado. Além disso, os autores destacam que o compartilhamento da perda dentro do grupo social cria um ambiente de apoio e empatia, essencial para o restabelecimento do bem-estar. Nesse sentido, os rituais funcionam como práticas coletivas de cuidado e integração, nas quais o indivíduo encontra acolhimento e reconhecimento da sua dor.

Giamattey *et al.* (2022) corroboram e aprofundam essa compreensão ao analisarem as consequências da ruptura dos rituais de despedida durante a pandemia de COVID-19. O estudo revela, ainda, que as restrições impostas ao convívio social e à realização de cerimônias fúnebres impactaram significativamente a saúde mental dos enlutados, gerando sofrimentos psíquicos intensos, sensação de irrealidade e dificuldade em aceitar a perda. Logo, a ausência do rito, segundo as autoras, impediu a simbolização da morte, privando os sujeitos da possibilidade de marcar o fim da presença física e o início da elaboração simbólica. Essa impossibilidade de despedida resultou em lutos não reconhecidos socialmente e emocionalmente suspensos, configurando um cenário de dor silenciada e de adoecimento psíquico coletivo.

Por conseguinte, a articulação entre ambos os estudos permite compreender que o rito de despedida atua como um fator protetivo para a

saúde mental, enquanto sua ausência pode representar um risco emocional significativo. Em Souza e Souza (2019), a realização dos rituais favorece o processo de reconstrução simbólica e auxilia o indivíduo a retomar o sentido de continuidade da vida; já em Giamattey *et al.* (2022), a interrupção dessas vivências revelou a importância fundamental da ritualização para a elaboração saudável do luto. Com isso, o contraste entre essas duas realidades reforça que a possibilidade de simbolizar a perda, de ser acolhido e de partilhar a dor é determinante para o bem-estar emocional dos enlutados.

Essa compreensão também é fortalecida pelas reflexões de Lopes *et al.* (2021), que discute a necessidade de adaptação das práticas simbólicas de despedida diante das restrições impostas pela pandemia. As autoras evidenciam que a impossibilidade de realizar rituais presenciais comprometeu a validação social da dor e dificultou a simbolização da perda, favorecendo o surgimento de lutos não reconhecidos socialmente. Contudo, a criação de formas alternativas de ritualização, como despedidas virtuais e atos simbólicos em casa, mostrou-se uma importante estratégia de cuidado psíquico e de preservação do vínculo com o ente falecido. Assim, mesmo em contextos de crise, o rito, quando ressignificado, continua exercendo sua função protetiva ao proporcionar expressão emocional e sentido diante da ausência.

De modo complementar, o estudo de Reis *et al.* (2021), amplia a discussão ao destacar a importância do discurso e da partilha emocional como práticas simbólicas fundamentais para a reconstrução do sentido após a perda.

Notoriamente, o luto parental, marcado por uma ruptura profunda na continuidade da vida, revela o papel terapêutico dos espaços de fala e dos rituais na reorganização psíquica. A ausência de tais espaços, somada à intolerância contemporânea ao sofrimento, tende a agravar o isolamento e o adoecimento, enquanto a possibilidade de narrar a dor e de participar de ritos coletivos auxilia na elaboração da perda e na restauração do equilíbrio emocional.

Essa dimensão relacional do luto é aprofundada por Reis *et al.* (2024), ao evidenciar que o apoio social, proveniente da família, amigos, comunidade e instituições, constitui um recurso de grande relevância na sustentação emocional dos enlutados. As redes de apoio funcionam como espaços simbólicos de compartilhamento e validação da dor, favorecendo a elaboração do luto e reduzindo o sofrimento psíquico. Nesse sentido, os vínculos afetivos e a solidariedade comunitária complementam o papel dos rituais, pois também oferecem acolhimento e reforçam a sensação de pertencimento, elementos essenciais para o restabelecimento da saúde mental.

Por fim, Battistello (2023), contribui com uma perspectiva prática ao mostrar que, no contexto hospitalar, intervenções como o trabalho de luto antecipatório, visitas virtuais e psicoterapia breve com enfoque psicoeducativo configuram formas contemporâneas de ritualização e simbolização. Essas práticas, mediadas por profissionais da Psicologia, permitem a expressão da dor e a reorganização emocional, mesmo em situações de isolamento e alta carga emocional. Ao promoverem uma despedida simbólica e

humanizada, essas estratégias reafirmam que a ritualização, ainda que ressignificada, continua sendo um dispositivo essencial de cuidado à saúde mental.

Os achados de Camara e Bassani (2018) evidenciam que espiritualidade e religiosidade são frequentemente acionadas pelos enlutados como estratégias centrais de enfrentamento emocional diante da perda. Embora o estudo não trate diretamente dos rituais de despedida, ele demonstra que elementos simbólicos vinculados à fé desempenham função reguladora, favorecendo a reorganização psíquica e oferecendo suporte emocional e social. Segundo os autores, a religiosidade aparece como recurso que auxilia na elaboração da perda ao fornecer explicações, conforto e um senso de continuidade simbólica, contribuindo para a diminuição da angústia e para a estabilização emocional. Assim, tais vivências simbólicas se apresentam como mediadoras importantes na saúde mental, especialmente em contextos de sofrimento intenso.

Além disso, Câmara e Bassani (2018) destacam que a espiritualidade pode atuar como um dispositivo significativo para a construção de sentido diante da morte, influenciando diretamente o bem-estar psicológico dos enlutados. A literatura analisada no estudo aponta que a presença de crenças espirituais tende a fortalecer redes de apoio, reduzir sentimentos de isolamento e favorecer processos subjetivos de ressignificação da perda. Para os autores, embora alguns riscos possam emergir de práticas religiosas rígidas ou culpabilizantes, a maior parte dos estudos revisados indica que vivências simbólicas

espirituais ampliam a capacidade adaptativa dos indivíduos frente ao luto. Dessa forma, o artigo contribui para compreender como elementos simbólicos repercutem clinicamente na saúde mental dos enlutados.

Do ponto de vista das implicações para a saúde mental, Zacarias *et al.* (2023) mostram que a ausência ou restrição dos rituais de despedida durante a pandemia intensificou sentimentos de desamparo, solidão, descontinuidade simbólica e risco de luto complicado. Os casos apresentados revelam que, quando privados dos ritos tradicionais, muitos enlutados precisaram criar rituais próprios, como viagens simbólicas, tatuagens, refeições comemorativas ou trocas de objetos, para restaurar um senso de pertencimento e continuidade afetiva. Tais vivências simbólicas funcionaram como recursos reguladores, promovendo acolhimento interno, sentido e reorganização emocional.

Dessa forma, a integração entre esses estudos evidencia que as vivências simbólicas do luto, sejam elas tradicionais, adaptadas ou mediadas por redes sociais e profissionais da saúde, cumprem papel fundamental na preservação do equilíbrio psíquico e no fortalecimento do bem-estar. Nessa ótica, os rituais de despedida e os espaços de partilha emocional configuram práticas coletivas de cuidado, que oferecem contorno à dor, promovem a coesão social e reafirmam o sentido de continuidade da vida. Assim, discutir suas implicações práticas para a saúde mental dos enlutados é reconhecer que os rituais, as redes de apoio e as intervenções simbólicas representam instrumentos terapêuticos indispensáveis à

elaboração do luto e à promoção da saúde emocional.

Discussões

O Luto: Conceitos e Aspectos Psicológicos

O luto é compreendido na Psicologia como uma reação natural e esperada diante da perda de um vínculo significativo, envolvendo um processo dinâmico, individualizado e multidimensional. Esse processo é caracterizado por manifestações emocionais intensas, como tristeza profunda, e pode afetar aspectos cognitivos, comportamentais e sociais do indivíduo. Em outras palavras, a experiência do luto é influenciada por fatores como a natureza da perda, as características do enlutado e o contexto cultural em que está inserido (Silva; Alves, 2012)

A partir dessa concepção, é possível compreender o luto como uma experiência que ultrapassa a dimensão emocional e alcança o campo existencial do sujeito. Por essa razão, cada pessoa vivencia a perda de modo singular, conforme suas histórias de vida, recursos emocionais e crenças. Assim, mais do que uma resposta à ausência física, o luto se revela como um processo de reconstrução psíquica, no qual o indivíduo precisa reorganizar sua forma de estar no mundo diante da falta. Essa visão amplia a compreensão do luto, permitindo enxergá-lo não como um estado patológico, mas como uma parte essencial da vida humana.

Historicamente, a compreensão do luto tem evoluído. Freud, em seu trabalho "Luto e Melancolia", descreveu o luto como um processo

de desligamento gradual dos laços afetivos com o objeto perdido, permitindo ao indivíduo investir emocionalmente em novas relações. Esse processo envolve a retirada gradual da libido investida no objeto perdido, o que exige tempo e esforço psíquico. Freud diferencia o luto da melancolia, destacando que, enquanto o luto é uma reação saudável à perda, a melancolia é caracterizada por uma perda patológica da autoestima (Saciloti; Bombarda. 2022).

A teoria freudiana inaugura uma compreensão clínica do luto centrada nos aspectos intrapsíquicos da perda. No entanto, ainda que sua visão destaque o desligamento do objeto amado, é possível perceber que, na prática, o vínculo com o ente perdido nem sempre se rompe totalmente. Muitas vezes, o sujeito mantém uma conexão simbólica com quem partiu, seja por meio de lembranças, objetos ou significados, o que indica que o processo de luto pode envolver não apenas o afastamento, mas também a integração da perda à história pessoal do enlutado.

Posteriormente, Bowlby, com base na Teoria do Apego, propôs que o luto ocorre em fases que incluem entorpecimento, anseio pela pessoa perdida, desorganização e reorganização. O modelo de luto proposto por John, embasado na Teoria do Apego, descreve o processo de enfrentamento da perda em quatro fases distintas. Essas fases não ocorrem necessariamente de forma linear e podem variar conforme a experiência individual de cada pessoa enlutada.

No início do luto, a pessoa pode viver um choque emocional, com torpor, negação e dificuldade em aceitar a perda. Depois, pode surgir

um forte anseio pela pessoa falecida, seguido por um período de desorganização, marcado por tristeza intensa e sensação de perda de rumo. Com o tempo, inicia-se a reorganização, quando o indivíduo passa a adaptar-se à nova realidade e retomar a vida.

O modelo de Bowlby amplia a compreensão do luto ao deslocar o foco dos processos internos para as relações interpessoais e o vínculo afetivo. Sua perspectiva permite entender que o sofrimento não é apenas uma reação à ausência, mas uma resposta à ruptura de uma ligação significativa. Além disso, ao reconhecer que as fases não ocorrem de forma linear, Bowlby contribui para uma visão mais flexível e realista do processo de luto, evidenciando que cada indivíduo tem seu próprio ritmo para elaborar a perda e reorganizar sua vida emocional.

Assim também, Elisabeth Kübler-Ross, psiquiatra suíço-americana, propôs um modelo que descreve cinco estágios emocionais pelos quais uma pessoa pode passar ao enfrentar a morte iminente ou a perda significativa. Embora inicialmente desenvolvido para pacientes terminais, o modelo tem sido amplamente aplicado para compreender o luto em diversas situações de perda.

Ao enfrentar uma perda, a pessoa pode inicialmente negar o que aconteceu, tomada por choque e entorpecimento. Quando a realidade começa a se impor, surgem a raiva e a sensação de injustiça, que podem ser direcionadas a si mesma, aos outros, ou até ao falecido. Em seguida, pode aparecer a tentativa de negociar com a situação, como se fosse possível adiar ou desfazer a perda.

Com o reconhecimento pleno da realidade, instala-se uma tristeza profunda, marcada por retraimento e vazio. Por fim, na aceitação, a pessoa começa a se reconciliar com o ocorrido, reorganizando a vida e integrando a lembrança do ente querido de maneira mais tranquila e adaptativa (Alves; Dulce, 2014).

O modelo de Kübler-Ross é amplamente reconhecido por oferecer uma linguagem acessível para compreender as reações humanas diante da perda. No entanto, ao ser aplicado de forma rígida, corre-se o risco de reduzir o luto a uma sequência previsível de etapas. Na realidade clínica e subjetiva, o luto se mostra mais fluido e dinâmico, marcado por avanços, retrocessos e reconfigurações constantes. Assim, compreender o luto como um processo vivo, e não como uma linha reta, possibilita acolher o sofrimento humano de modo mais empático, respeitando a singularidade de cada trajetória.

Os Rituais de Despedida e Seu Papel nas Culturas

Os rituais de despedida desempenham um papel fundamental no processo de luto, oferecendo ao indivíduo uma estrutura simbólica para vivenciar a perda e facilitar a transição emocional. Diversos estudos psicológicos recentes têm destacado a relevância desses rituais para a elaboração do luto e a promoção do bem-estar emocional. Esses rituais, que podem variar amplamente em diferentes culturas, crenças religiosas ou contextos pessoais, são essenciais para ajudar o enlutado a lidar com as emoções

associadas à perda e a integrar a experiência de luto de forma saudável (Oliveira; Lopes, 2008).

Ao refletir sobre essa perspectiva, é possível perceber que os rituais de despedida funcionam como um elo entre o que é vivido internamente e o que é compartilhado socialmente. Eles oferecem uma linguagem simbólica que permite transformar a dor em expressão, o silêncio em gesto e o sofrimento em significação. Assim, mais do que uma formalidade cultural, os rituais cumprem uma função psicológica de organização da experiência emocional, ajudando o sujeito a reconstruir sua realidade após a perda.

Segundo Parkes (1998), as cerimônias de despedida têm um valor psicológico significativo, pois apresentam aos vivos que a morte física e a social não são simultâneas, sendo necessário um processo para tornar real o fato da perda. Esses rituais permitem que o enlutado reconheça a realidade da morte e inicie a reorganização de sua vida sem a presença física do ente querido. Além disso, os rituais facilitam a transição do luto privado para o luto público, permitindo que a dor da perda seja compartilhada com a comunidade. Essa partilha é fundamental para a elaboração do luto, pois cria um espaço de apoio e compreensão mútua (Oliveira; Lopes, 2008).

Sob essa ótica, compreende-se que o luto não é apenas uma vivência individual, mas também coletiva. A possibilidade de compartilhar a dor em espaços simbólicos reforça o pertencimento e reduz a sensação de isolamento. Essa dimensão comunitária do luto é essencial para que o sofrimento encontre acolhimento, validando o

sentimento de perda e permitindo que o sujeito ressignifique sua relação com quem partiu.

Segundo uma revisão publicada na Revista Brasileira de Terapias Cognitivas e Comportamentais (2020), os rituais funerários oferecem uma oportunidade para os indivíduos externalizarem e processarem suas emoções em um ambiente simbólico e estruturado. A realização de cerimônias de despedida, como velórios e funerais, permite aos enlutados confrontar a realidade da perda de forma coletiva, recebendo suporte emocional de amigos e familiares. Esses rituais não só contribuem para a aceitação da morte, mas também proporcionam um espaço para a expressão de sentimentos como tristeza, raiva e até culpa, que podem ser difíceis de externalizar sem um contexto ritualizado (Braz; Franco, 2017).

De acordo com o estudo de Almeida e Santos (2022), os rituais de despedida não apenas marcam o fim da presença física do ente querido, mas também facilitam o início do processo de internalização da perda. Dessa forma, a simbologia envolvida, como o enterro, a cremação ou outros rituais, ajuda o enlutado a reconhecer que a pessoa não está mais fisicamente presente, mas que a memória e o legado continuam a existir. Esses momentos permitem uma reorganização da realidade emocional do enlutado, promovendo um caminho para a aceitação gradual da morte e a reintegração da pessoa à sua vida cotidiana (Braz; Franco, 2017).

Essa transição do vínculo físico para o vínculo simbólico é um aspecto essencial do processo de luto. A manutenção da memória e do legado permite ao enlutado reconstruir sua relação

com o falecido em um novo nível de significação, onde o amor permanece, mas a presença se transforma. Nesse sentido, o ritual cumpre a função de marcar esse ponto de virada, oferecendo uma fronteira simbólica entre o antes e o depois da perda.

Os rituais de despedida também foram reconhecidos como ferramentas terapêuticas que podem facilitar a elaboração do luto. A presença de rituais ritualizados, como a homenagem ao falecido ou os atos simbólicos de celebração da vida da pessoa que partiu, oferece ao enlutado a oportunidade de reconhecer e honrar o relacionamento vivido. Essas ações podem aliviar o sofrimento emocional e ajudar a solidificar a transição entre a dor da perda e a aceitação da nova realidade. Tais rituais proporcionam um espaço para os enlutados compartilharem suas emoções, o que é fundamental para a saúde mental, principalmente em culturas que enfatizam o suporte comunitário no enfrentamento da perda (Franco, 2021).

Os rituais de luto desempenham um papel fundamental na elaboração da perda, sendo moldados pelas particularidades culturais, sociais e espirituais de cada comunidade. Eles funcionam como mediadores simbólicos que ajudam a organizar a vivência da dor, oferecendo sentido ao sofrimento e criando espaços legítimos para a expressão das emoções. Segundo Souza e Souza (2019), os rituais fúnebres possibilitam expressar sentimentos que muitas vezes não podem ser verbalizados, facilitando o enfrentamento da ausência do ente querido (Franco, 2021).

Nesse sentido, cada cultura oferece diferentes caminhos simbólicos para vivenciar o luto, mas todas compartilham o mesmo objetivo: dar sentido à perda. Ademais, ao transformar o sofrimento em expressão simbólica, o indivíduo encontra meios de reorganizar sua experiência interna. Compreender essa diversidade cultural é fundamental para a prática psicológica, pois permite respeitar a forma singular com que cada indivíduo ou grupo vivencia a morte, reconhecendo que não há uma única maneira “correta” de se despedir.

Esses rituais contribuem não apenas para a aceitação da realidade da perda, mas também para o fortalecimento dos laços familiares e comunitários. Além disso, ao promoverem momentos de partilha coletiva, colaboram para a reorganização interna e social do enlutado, auxiliando na reconstrução de sua identidade diante da perda. Assim, os rituais tornam-se instrumentos fundamentais para a ressignificação da morte e para o amadurecimento emocional frente à inevitabilidade da finitude (Fernandes *et al.*, 2016).

A partir dessa análise, torna-se evidente que os rituais de despedida vão além da dimensão simbólica: eles estruturam a forma como a sociedade lida com a morte e com o sofrimento. Essa dimensão organizadora contribui para que o enlutado encontre suporte e significado, evitando que o luto se transforme em um processo patológico. O ritual, portanto, cumpre uma função de cuidado, social, emocional e psicológica.

Os tipos de luto: normal, complicado, antecipatório, patológico

O luto normal é uma resposta natural e esperada à perda de alguém significativo, caracterizando-se por sentimentos de tristeza, saudade e dor emocional. Esse processo pode incluir episódios agudos de sofrimento, mas, geralmente, permite que o indivíduo mantenha certa funcionalidade e interesse pelas atividades cotidianas. Segundo Parkes (1998), o luto é um processo de tornar real o fato da perda, sendo essencial para a reorganização emocional do enlutado. É importante destacar que o luto normal não é uma condição patológica, mas sim uma vivência que, apesar de dolorosa, contribui para a adaptação à nova realidade sem a presença do ente querido (Zacarias; Amaral; Arrais, 2024).

A duração do luto normal pode variar significativamente entre os indivíduos, influenciada por fatores como a natureza do vínculo com o falecido, as circunstâncias da morte e o suporte social disponível. As reações de luto normal podem estender-se por até dois anos, devendo ser diferenciadas dos quadros depressivos. Durante esse período, é comum que o enlutado experimente uma oscilação de emoções, alternando momentos de tristeza profunda com períodos de relativa estabilidade emocional. A compreensão dessas nuances é fundamental para que profissionais da saúde mental possam oferecer o suporte adequado, respeitando o tempo e o processo individual de cada pessoa em luto (Zacarias; Amaral; Arrais, 2024).

Reconhecer o luto normal como processo saudável ajuda a diferenciar o sofrimento esperado de possíveis sinais de complicação, permitindo intervenções mais adequadas e respeitosas. Porém, essa variabilidade reforça a necessidade de uma abordagem individualizada no acompanhamento do luto. Cada trajetória é única, e o tempo de elaboração da perda não deve ser rigidamente padronizado. Para o profissional da Psicologia, isso significa estar atento às particularidades de cada sujeito, promovendo acolhimento, empatia e suporte ajustado às necessidades de cada momento.

O luto complicado é caracterizado por uma resposta prolongada e intensa à perda, que ultrapassa o curso esperado do luto normal, interferindo significativamente na vida do indivíduo. Segundo estudo publicado na revista *Psicologia: Ciência e Profissão*, fatores como a ausência de rituais de despedida, mortes inesperadas ou traumáticas e a falta de suporte social adequado podem contribuir para o desenvolvimento desse tipo de luto. Os sintomas incluem tristeza persistente, dificuldade em aceitar a perda, isolamento social e sensação de vazio, podendo evoluir para quadros depressivos mais graves se não houver intervenção apropriada. A identificação precoce do luto complicado é essencial para a implementação de estratégias terapêuticas eficazes (Basso; Wainer, 2011).

Ademais, o luto complicado evidencia como fatores contextuais, como ausência de rituais ou suporte social insuficiente, podem interferir no processo natural de elaboração da perda. Essa compreensão reforça a importância de

intervenções precoces e de estratégias que promovam o acolhimento emocional, evitando que o sofrimento se prolongue de forma prejudicial à saúde mental do indivíduo.

Por outro lado, o luto antecipatório é um fenômeno que ocorre antes da morte efetiva, particularmente em contextos de doenças terminais, quando o paciente e seus familiares começam a lidar com a expectativa da perda. De acordo com o livro “O Luto no Século 21” (2020), essa forma de luto envolve o início do processo de elaboração da perda antes mesmo do falecimento, o que pode resultar em uma experiência emocional muito intensa para aqueles que ficam. A autora ressalta que, no luto antecipatório, o enlutado pode experimentar sentimentos ambivalentes, como a angústia de ver a deterioração gradual do ente querido e a preparação emocional para a perda, ao mesmo tempo em que se reconcilia com a morte iminente (Basso; Wainer, 2011).

O livro também aborda a importância de fornecer suporte emocional aos enlutados durante o luto antecipatório. Segundo o autor, as intervenções psicológicas nesse período devem focar na comunicação aberta, acolhendo as emoções sem pressa de encontrar soluções. Além disso, destaca-se que as interações sociais e as redes de apoio, incluindo práticas espirituais ou religiosas, podem ser fundamentais para o enfrentamento desse tipo de luto, permitindo que o enlutado organize suas emoções e se prepare para a perda com maior resiliência (Basso; Wainer, 2011).

Portanto, o luto antecipatório demonstra que o processo de elaboração da perda pode começar antes mesmo do evento final, mostrando a

capacidade do indivíduo de antecipar e preparar-se emocionalmente para a ausência. Reconhecer esse tipo de luto é importante, pois permite que familiares e pacientes recebam suporte adequado para lidar com sentimentos complexos de ansiedade, antecipação e ambivalência. A ênfase no suporte emocional e nas redes de apoio reforça que o luto antecipatório não é apenas uma experiência individual, mas também relacional e social. A preparação para a perda exige um equilíbrio entre vivência emocional, resiliência e conexão com o outro, mostrando que a intervenção psicológica pode ter efeito preventivo sobre complicações futuras do luto.

Após a compreensão desses diversos tipos de luto, que, à propósito, se apresentam de formas distintas, e não por etapas, no indivíduo enlutado, compreende-se por fim, o luto prolongado, também conhecido como Transtorno de Luto Prolongado (TLP), é caracterizado por uma dor intensa e persistente que impede o indivíduo de retomar suas atividades cotidianas após a perda de um ente querido. Em 2022, a Organização Mundial da Saúde (OMS) incluiu o TLP na Classificação Internacional de Doenças (CID-11), reconhecendo-o como um transtorno mental distinto. Diferentemente do luto natural, que tende a diminuir com o tempo, o TLP mantém o sofrimento em níveis elevados por períodos prolongados, afetando a funcionalidade social e ocupacional do enlutado ([GOV.BR](http://gov.br)).

Sobre essa ótica, estudos recentes evidenciam a prevalência do TLP em contextos específicos, como durante a pandemia de COVID-19. De modo que, uma pesquisa realizada com

familiares de vítimas da COVID-19 identificou sintomas de TLP em 11,4% dos enlutados com mais de seis meses de luto e em 29,6% daqueles com menos de seis meses.

Ademais, fatores como a impossibilidade de despedida, comunicação ineficaz e falta de conforto nos cuidados finais foram associados ao aumento do sofrimento. Dessa forma, os sintomas do TLP incluem ansiedade de separação, perturbações cognitivas, emocionais e comportamentais, e comprometimento social e ocupacional. Logo, a identificação precoce de indivíduos em risco e a oferta de suporte adequado são essenciais para prevenir o desenvolvimento do TLP (Giamattey *et al*, 2022).

Esses dados ressaltam que o contexto social e cultural impacta diretamente a elaboração do luto. A pandemia mostrou que barreiras externas, como a impossibilidade de despedidas, podem intensificar o sofrimento e favorecer o desenvolvimento do TLP. Dessa forma, compreender o luto em seu contexto histórico e social é essencial para que intervenções psicológicas sejam realmente eficazes e ajustadas à realidade vivida pelo enlutado.

Em suma, os rituais de despedida são componentes essenciais no processo de elaboração do luto, proporcionando um espaço para a expressão de sentimentos, a construção de significados e o fortalecimento dos laços sociais. A compreensão e valorização dessas práticas, especialmente em contextos de crise como a pandemia de COVID-19, são fundamentais para o desenvolvimento de estratégias de apoio que

promovam a saúde mental e o bem-estar dos enlutados (Reis; Quintana; Nardino, 2021).

Considerações Finais

O presente estudo permitiu compreender que os rituais de despedida desempenham um papel essencial na elaboração do luto, atuando como dispositivos simbólicos fundamentais que auxiliam o enlutado no reconhecimento da realidade da perda, na expressão das emoções e na reorganização de sua vida subjetiva e relacional. A revisão integrativa realizada nas bases SciELO, PePSIC, BVS e LILACS evidenciou que os rituais, sejam eles de natureza religiosa, cultural ou personalizados, funcionam como importantes mediadores entre a dor da perda e a construção de sentido, favorecendo a validação social do luto, a externalização do sofrimento e o fortalecimento das redes de apoio.

Os resultados também apontaram que a ausência, a interrupção ou a impossibilidade de realização desses rituais, especialmente vivenciada no contexto da pandemia de COVID-19, pode intensificar o sofrimento psíquico, dificultar a simbolização da perda e comprometer o processo de elaboração do luto, aumentando a vulnerabilidade ao desenvolvimento do luto complicado. Nesse cenário, observou-se que práticas alternativas de despedida, como rituais simbólicos substitutivos e adaptações virtuais, mostraram-se estratégias relevantes para restaurar, ainda que parcialmente, o espaço simbólico necessário à elaboração do luto, reafirmando a

capacidade humana de adaptação, ressignificação e reconstrução de sentidos diante da perda.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, evidenciou-se uma significativa dificuldade na identificação de materiais atualizados que abordassem de forma aprofundada e específica a temática dos rituais de despedida no processo de luto, especialmente no contexto brasileiro. Tal limitação revelou lacunas importantes na produção científica, sobretudo no que se refere à articulação entre rituais, saúde mental e prática psicológica, bem como à escassez de estudos empíricos que contemplem diferentes contextos socioculturais e experiências subjetivas do enlutado. Essas lacunas reforçam a necessidade de ampliação das investigações sobre o tema, considerando sua relevância clínica, social e cultural.

Dessa forma, conclui-se que os rituais de despedida constituem uma dimensão fundamental do cuidado em saúde mental, oferecendo ao enlutado suporte emocional, organização simbólica e possibilidades de reconstrução subjetiva e identitária após a perda. Reconhecer e valorizar a importância desses rituais é essencial para uma atuação psicológica ética, sensível, humanizada e culturalmente contextualizada, contribuindo para processos de luto mais saudáveis, integrados e acolhedores. Além disso, espera-se que este estudo possa estimular novas pesquisas e reflexões acerca da temática, colaborando para o fortalecimento da produção científica e da prática profissional no campo do luto.

Referências

- ALVES, Carolinne; DULCI, Pedro. Quando a morte não tem mais poder: considerações sobre uma obra de Elisabeth Kübler-Ross. **Scientific Electronic Library Online**. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/bioet/a/4Z7GKVMCy4Kqk5wnxkvHC9j/?format=pdf&utm_source=. Acesso em: 17 maio 2025.
- BAPTISTA, Caroline. A morte brasileira em diferentes épocas: uma análise antropológica dos rituais funerários e da “morte digna”. **Dignidade Re-Vista**, v.2, n.4, dezembro 2017. Disponível em: file:///C:/Users/nayra/Downloads/442-49-1520-3-10-20180412.pdf. Acesso em: 17 de maio de 2025.
- BATTISTELLO, Camila. Como ser psicólogo hospitalar na pandemia de covid-19 no Brasil? Uma pesquisa documental. **Scientific Electronic Library Online**. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/fjq9LQp7ym5vWsXMhZ7zwPf/?lang=pt>. Acesso em: 03 novembro 2025.
- BASSO, Lissia; WAINER, Ricardo. Luto e perdas repentinas: contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental. **Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia**. 2011. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-56872011000100007&script=sci_arttext&utm_source=. Acesso em: 17 maio 2025.
- BRAZ, Mariana; FRANCO, Maria. Profissionais Paliativistas e suas Contribuições na Prevenção de Luto Complicado. **Scientific Electronic Library Online**. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pcp/a/ksrv46KYjzK4xtYN4cp5Fk?utm_source=. Acesso em: 17 maio 2025.
- CAMARA, Sergio; BASSANI, Marlise. Estudos em psicologia sobre morte, luto, religião e espiritualidade: uma revisão da literatura brasileira. **Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia**. 2019. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2019000100013. Acesso em 16 novembro 2025.
- CANUTO, Rafael. *et al.* O Processo de Luto em Familiares de Vítimas da Covid-19. **Portal de Publicações Eletrônicas da UERJ**. 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/77710/47091>. Acesso em: 17 maio 2025.
- FERNANDES, Maria. *et al.* Cuidados paliativos e luto: um estudo bibliométrico. **Scientific Electronic Library Online**. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ean/a/dJ39JJfPjzpmJfjFZXd7Lzb/?utm_source=. Acesso em: 17 maio 2025.
- FRANCO, Maria. O luto no século 21: Uma compreensão abrangente do fenômeno. Summus Editorial. 2021.
- GIAMATTEY, Maria. *et al.* Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto: possíveis reverberações. **Scientific Electronic Library Online**. 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ean/a/zGDv9BZ6Lc44fxJFBBz8ktC/?utm_source=. Acesso em: 17 maio 2025.
- LOPES, *et al.* A dor que não pode calar: reflexões sobre o luto em tempos de Covid-19. **Scientific Electronic Library Online**. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/vwSkrFpx4syBrf3pckBc6WK/?lang=pt>. Acesso em: 03 novembro 2025.
- LUCENA, Pablo. *et al.* Cuidados no final de vida e luto: estudo com familiares de vítimas da COVID-19. **Scientific Electronic Library Online**. 2024. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/7srfs7m6NTqPjDL3RBcCPM/?utm_source=. Acesso em: 17 maio 2025.
- MOREIRA, Jacqueline; SILVA, Ana; SILVA, Taísa. Do luto privado ao luto público: desafios do luto em massa pela covid-19. **Scientific Electronic Library Online**. 2021. Disponível em: https://books.scielo.org/id/cc9nx/pdf/moreira-9786586832341-02.pdf?utm_source=. Acesso em: 17 maio 2025.
- OLIVEIRA, João; LOPES, Ruth. O processo de luto no idoso pela morte de cônjuge e filho. **Scientific Electronic Library Online**. 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pe/a/5kLfmShkb6bnsd5Jw7b5S6f/?utm_source=. Acesso em: 17 maio 2025.
- SACILOTI, Isabelle; BOMBARDA, Tatiana. Abordagem ao luto: aspectos exploratórios sobre a assistência de terapeutas ocupacionais. **Scientific Electronic Library Online**. 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cadbto/a/dCRZv6RwzN8Y3CbhVS6cRXH?utm_source=. Acesso em: 17 maio 2025.

SILVA, Maria; ALVES, José. O luto em adultos idosos: natureza do desafio individual e das variáveis contextuais em diferentes modelos. **Scientific Electronic Library Online**. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/j/prc/a/3tSjhYY3jWbg7BHGBkMwdSr?utm_source=. Acesso em: 17 maio 2025.

SOUZA, Christiane; SOUZA, Airle. Rituais Fúnebres no Processo do Luto: Significados e Funções. **Scientific Electronic Library Online**. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/McMhwzWgJZ4bngpRJL4J8xg/?lang=pt>. Acesso em: 17 maio 2025.

SCARAMUCCI, Marianna. Monumentos precários: luto (im)possível e lápides de papel em K.: relato de uma busca. **Scientific Electronic Library Online**. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/rzYRpwgpWZYKgPpLMVf4w8w/?lang=pt>. Acesso em: 03 novembro 2025.

REIS, Cristine; QUINTANA, Alberto; NARDINO, Fernanda. Religiosidade e Espiritualidade no Processo de Luto de Pais cujos Filhos Morreram Crianças. **Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia**. 2021. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-42812021000100008&script=sci_arttext&utm_source=. Acesso em: 17 maio 2025.

REIS, *et al.* Redes sociais significativas de familiares no processo de luto antecipatório no contexto dos cuidados paliativos. **Scientific Electronic Library Online**. 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/czZ8fs6CWYDmqfLXYZG6pmc/?lang=pt>. Acesso em: 03 novembro 2025.

REIS, *et al.* O Luto de Pais: Considerações Sobre a Perda de um Filho Criança. **Scientific Electronic Library Online**. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/LRsRfL9D6QkbzBtHHNS5J3h/?lang=pt>. Acesso em: 03 novembro 2025.

RUBIA, José; ÁVILA, Melina. Contraste empírico do modelo de cinco fases do luto de Kübler-Ross em mulheres com câncer. **Biblioteca Virtual em Saúde**. 2015. Disponível em: https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-752905?utm_source=. Acesso em: 17 maio 2025.

ZACARIAS, Ludymilla; AMARAL, Natália; ARRAIS, Rebecca. Da despedida para o viver na

ausência: considerações sobre o luto e rituais de despedida a partir de vivências na pandemia. **Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia**. 2023. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-08252023000300115&script=sci_arttext&utm_sue=. Acesso em: 17 maio 2025.